

Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais

## DO INTELECTO À INTUIÇÃO

— 1ª PARTE

*Neste número*

Entrando na Imaginação Divina

**Laurence Newey**

Deus Estava Aqui... E Eu Não O Sabia

**Bayo Akomolafe**

A Palavra-chave na Democracia é Relacionamento

**Mark Gerzon**

Pensando sobre o Pensar

**John Dalton**

Editor: *Dominic Dibble*

[www.worldgoodwill.org](http://www.worldgoodwill.org)

Edição de GEM – Grupo de Estudos Maitreya em português



## DO INTELECTO À INTUIÇÃO — 1ª PARTE

**OS ACONTECIMENTOS MUNDIAIS ACTUAIS** sugerem que a vida da humanidade atingiu um ponto de crise muito importante. A intensidade da turbulência política na América e na Europa, os conflitos prolongados e brutais no Oriente Médio, em partes da África e noutros lugares, o perigo de mais um colapso financeiro, as ameaças iminentes a longo prazo associadas à mudança climática – tudo isto leva muitas pessoas de boa vontade a experienciar confusão e até mesmo desespero. Poderá parecer que a ilusão de separatividade se tenha estabelecido de novo para valer e que estejam a ser comprometidos, até mesmo perdidos, todos os ganhos duramente conquistados nas décadas passadas em relação a desenvolvimento, direitos humanos, construção de boas relações internacionais e estabelecimento de gestão ambiental sensata.

No entanto, para avaliar a situação mundial correctamente, é fundamental adoptar um ponto de vista imparcial e ver os factos no contexto temporal mais alargado. O estudo da evolução humana mostra que ciclos de crise, tensão e emergência regem as sociedades — grandes e pequenas — e que nestes períodos de crise e tensão são feitos ajustamentos, a consciência evolui e a boa vontade emerge com maior expressão. Embora seja difícil não nos envolvermos no imediatismo dos acontecimentos mundiais e nos sintamos decepcionados por reveses aparentes, é frequente aprendermos lições importantes nestes períodos — lições que verão a consciência humana florescer em expressões acrescidas de boa vontade à medida que avançamos para a fase de emergência do ciclo. Também temos de ter em mente a velocidade da mudança que ocorre actualmente em todo o mundo, assim como a rapidez do desabrochar da consciência. Devido a isso, poderemos esperar que a boa vontade seja mobilizada em novas formas; como consequência, pode não demorar muito tempo até serem feitos os ajustamentos correctos de resposta a este ponto da crise mundial presente e que a humanidade emerja mais sábia e com maior vontade desde sempre para caminhar em direcção à unidade.

Tendo isso presente, se há uma coisa que este tempo inquietante pede às pessoas de boa vontade é o aprofundar do alinhamento com essa Realidade onde a Vida é conhecida como sendo boa e verdadeira. Só então se torna possível ver a magnificência do Plano em desenvolvimento dessas Forças Divinas que guiam o nosso planeta. Somente a partir da perspectiva da alma, porque vive dentro de nós, podemos começar a ver como a consciência está a ser alquimicamente transformada por intermédio do encontro da humanidade com a totalidade. Cresce calmamente entre indivíduos e grupos a vontade de estabelecer relações de partilha, justiça, respeito por todos e um sentimento permanente de unicidade da vida. Embora os acontecimentos dos últimos meses não mudem isso — eles apelam a um aprofundar da vontade-de-bem, essa qualidade de vontade espiritual que abrange a vontade-de-ser, a vontade-de-amar e a vontade-de-servir.

Como contribuição para essa vontade de aprofundamento, e para promover a lucidez necessária da mente e do coração, a Boa Vontade Mundial tem vindo, nos últimos meses, a lançar luz sobre o papel desempenhado pela intuição no reformular do nosso mundo e na remodelação das nossas vidas espirituais. Para quem está imerso nos domínios arenosos da política, da economia, das relações internacionais, da etnicidade e da raça, a relação entre intelecto e intuição pode parecer irrelevante. No entanto, o progresso em cada um desses campos depende muito dessa relação.

A fim de proporcionar uma reflexão sobre o papel da intuição neste momento, a Boa Vontade Mundial produziu uma brochura destinada a uma distribuição tão ampla quanto possível: *A Beam of Light Shining Upon Our Way: Reflections on the Intuition (Um Raio de Luz a Brilhar no Nosso Caminho: Reflexões sobre a intuição)* [só disponível em inglês]. Contém pensamentos de cientistas, filósofos, artistas e poetas. Por favor, obtenha cópias através do endereço abaixo \* para distribuição em locais, reuniões e eventos apropriados; e, por favor, compartilhe a hiperligação para a cópia digital através dos media e e-mail. No final de Outubro, a Boa Vontade Mundial deu continuidade a este destaque efectuando seminários em Londres, Genebra e Nova Iorque, incluindo um encontro especial nas Nações Unidas em Genebra, destinado a relacionar a Intuição com a Responsabilidade Ética e os Objectivos de

Desenvolvimento Sustentável. Para além de serem locais de conversação, os seminários associaram silêncio, meditação e visualização como parte central do programa e como um caminho decisivo para servir o despertar da intuição. Vídeos de todas as sessões estão agora disponíveis na web, bem como cópias de planos de meditação.

Com uma selecção de transcrições adaptadas de secções de algumas das palestras dos seminários, este número do boletim continua a destacar a relação entre intelecto e intuição e o seu papel neste momento crucial na História. Inclui comentários baseando-se na compreensão da intuição pela Sabedoria Sem Idade, bem como uma fonte diversificada de riqueza a explorar o papel da intuição na transformação da política partidária, do capital e da economia, da ciência, da educação, da ecologia, da cura, da música e das artes.

**\* *Um Raio de Luz: Reflexões sobre a Intuição***

[www.worldgoodwill.org/intuition\\_booklet](http://www.worldgoodwill.org/intuition_booklet)

***Do Intelecto à Intuição: Vídeos de Seminários e outros.***

[www.worldgoodwill.org/seminar16](http://www.worldgoodwill.org/seminar16)



## Entrando na Imaginação Divina

**Laurence Newey**

**EMBORA ALGUNS AINDA CONSIDEREM** a imaginação como um meio de evasão, uma janela para fantasia e para o faz-de-conta, a sua função verdadeira é o oposto disto; ela revela a realidade dos mundos interiores – os reinos subjectivos – através da exteriorização da força. A imaginação é uma "faculdade de construção de imagem" [Nota do tradutor: em português, dispomos do termo *imagética*] e, como tal, trabalha com o intelecto para concretizar a energia subjectiva em formas objectivas. É manifestamente fundamental para a criatividade no mundo da arte, cultura e ciência, que juntos enriquecem tanto a psique humana.

Esta pode ser inicialmente uma ideia perturbadora devido à associação habitual da imaginação com um estado onírico; mas é a qualidade e o dinamismo da energia em que escolhemos focar a imaginação que determina o nosso sentido de realidade. Como escreveu Carl Jung: "Estou realmente convencido que a imaginação criativa é o único fenómeno primordial que nos é acessível, o verdadeiro Terreno da psique, a única realidade imediata" <sup>1</sup>. Neste sentido, cada ser humano é um raio cristalizado da Imaginação Divina que tem lutado algo cegamente através do processo evolutivo para se tornar no que ele é. Como tal, ele ou ela é uma história de desenvolvimento e é necessário dar o próximo passo em frente nesta história de cooperação inteligente. A imaginação humana criativa deve ser usada em cooperação com a imaginação Divina. E a ponte entre as duas é a intuição. A intuição é a imaginação humana e divina combinadas e fundidas.

Quando esta ponte da intuição é estabelecida, a consciência tem acesso ao reino divino das ideias – os arquétipos que foram criados pela imaginação

---

<sup>1</sup> Carl Jung, Letters (Cartas), Vol. 1, p. 60

divina destinados a realizar-se no mundo manifestado como parte do processo evolutivo. A imaginação inteligente e criativa é então usada para exteriorizar uma ideia, construindo uma imagem dela que seja adequada e inteligível para o estágio actual de evolução e compreensão da humanidade.

Apoia-se neste facto a grande verdade de que cada ser humano tem o destino de se tornar num co-criador no esquema divino das coisas. Mas por onde começar? Como sabemos, por intermédio de todas as grandes religiões do mundo, o Amor é a qualidade fundamental da Divindade. É claramente um bom começo trabalhar na meditação com a energia de boa vontade e expressar boa vontade em tudo o que fazemos. A Luz é outra qualidade importante da Divindade. E isto sugere que, se quisermos desenvolver a visão interior e ver no seio da imaginação Divina, devemos ver claramente – e esta é a base da intuição – amor e luz. O amor é a qualidade que torna a visão precisa. Sem amor, a consciência egoísta encurva e distorce a luz, obtendo a impressão errada. Fascínios e ilusões aparecem frequentemente em conjunto com o fanatismo.

Alice Bailey escreveu que "a Intuição é a própria luz e, quando ela actua, o mundo é visto como luz e os corpos de luz de todas as formas tornam-se gradualmente visíveis. Isto traz consigo a capacidade de entrar em contacto com o centro de luz em todas as formas, sendo assim estabelecida uma relação essencial."

As três qualidades que a intuição concede são: Iluminação; Compreensão; Amor. Num outro livro de Alice, lemos que o objectivo da experimentação Divina na Terra é "produzir uma condição psicológica que pode ser melhor descrita por 'lucidez divina'. O trabalho da psique, e o objectivo da psicologia verdadeira, é ver a vida com clareza como ela é, e com tudo o que está envolvido. Isso não significa condições e ambiente, mas Vida. Este processo foi iniciado no Reino animal e será consumado no humano... A primeira leve indicação desta tendência para a lucidez é vista na faculdade da planta se virar para o Sol.

Este é um símbolo simples e bonito. A planta vira-se para o Sol e desenvolve a beleza de sua flor nessa luz. Isto é exactamente o que o ser humano tem de fazer descobrindo e voltando-se para a luz interior. Na sua própria volta da espiral, o investigador espiritual também realiza experiências divinas. 'Lucidez' envolve pensar profunda e criativamente sobre a natureza das nossas relações uns com os outros, com a família, amigos, comunidade e nações. Neste trabalho, a imagética pode ser empregue de forma vantajosa como ferramenta para experimentação e podem ser descobertas as linhas de luz viva, que penetram profundamente no coração das relações da alma. Ao aprender a focar e concentrar a luz, estamos de facto a focar a própria essência de nosso ser num dardo de percepção – o qual ilumina todo o campo de relações nos mundos superior e inferior. O observador olha interiormente para a luz espiritual e exteriormente para a mesma luz clarificadora.

O progresso em direcção a este ideal elevado requer visão liberta de preconceitos nacionais, culturais e ideológicos. Todos os que servem a humanidade, e anseiam por sinais de se estar a exteriorizar na Terra o Plano de amor e luz, exigem níveis cada vez mais elevados de desapaixonamento, discriminação e desapego. A natureza emocional refinada daquele que busca a espiritualidade pode tornar-se tão focada nos efeitos externos e na ascensão e queda da sorte da humanidade que a percepção se torne desfocada por esperança e desespero. O espírito ergue-se com sinais esperançosos de

síntese crescente para ser despedaçado novamente pelos poderes escuros do separatismo ainda prevalecentes. O efeito estroboscópico dessas vitórias alternadas entre luz e trevas deixa o buscador num estado de confusão relativo ao nível em que o mundo está em relação ao Plano Divino.

Mas, à medida que o observador aprende a olhar fixamente o mundo dos fenómenos sob o raio de luz da alma, emerge a visão do reino das forças causais e sobrevém o entendimento directo. Não mais há necessidade alguma de rinação, dedução ou interpretação – a consciência e a visão pura tornaram-se numa única coisa, tendo-se realizado a grande transição do intelecto à intuição. Nas palavras do pensamento-semente da meditação: "O desenvolvimento da intuição trará um reconhecimento mundial do Plano Divino. Toda a vida e todas as formas serão então vistas na sua perspectiva verdadeira e a síntese da evolução do mundo será reconhecida."

*Laurence Newey é Vice-presidente da Lucis Trust*



## Deus Estava Aqui ... E Eu Não O Sabia.

**Bayo Akomolafe**

**PODEM CONCORDAR COMIGO** que nestes tempos muito modernos, quando: tudo parece apressado; cada rosto parece escurecido pelo brilho suave e sedutor de um dispositivo portátil; e somos perpetuamente bombardeados com informações a fluir de pixels, de painéis, de ecrãs de televisão e de manchetes clamorosas, é irresistível o impulso para *reclamar o santuário*, para se enraizar nas águas acolhedoras. Mas onde encontrar o santuário? Onde está o lar? Penso que essas questões estão implícitas na maneira como pensamos sobre o pensamento – e são certamente relevantes para a ideia de passar do 'intelecto' à 'intuição'. É quase como se estivéssemos a agarrar os vestígios do sagrado, vivos por um fio numa sociedade cada vez mais global que parece hostil ao encantamento. Por que queremos nós passar do intelecto à intuição? O que está a acontecer para ocasionar esta mudança?

Num sentido crucial (e num sentido muito retórico também), estamos numa era de derrames e violações fundamentais nas fronteiras das coisas. Desde o derramamento de petróleo da BP em 2010 no Golfo do México, até à sublevação dos refugiados sírios, às revelações surpreendentes sobre os americanos, com a NSA, espionarem todos os outros, até à implosão embaraçosa da política cortês divulgada em 'gravações de vestiário' e ao jornalismo WikiLeaks, parece que as coisas se desmoronam e os centros são assediados e perseguidos. Num mundo de derramamentos, somos convidados a questionar conceitos de pureza, de fronteiras estáveis e de propriedades predeterminadas. Tendemos a pensar no mundo em binários: somos nós contra eles, branco versus preto, homem versus mulher, humano versus não-humano, deus versus carne, sujeito versus objecto, luz versus trevas. Tudo o que está vivo e sagrado está cercado num espaço muito pequeno – talvez o espaço coberto por um halo. Mas é esse o caso? O mundo exterior é um halo morto e inerte, ou o halo também derrama?



René Descartes, o filósofo francês do século XVII, é reconhecido por ser quem formulou o dito agora popular: *penso, logo existo* – um manifesto surpreendente para a morte e redundância do mundo. Para Descartes, era importante fundamentar a ciência em algo que não pudesse ser refutado – na certeza. Assim, com um ensaio de pensamento, passou a questionar a existência de tudo. Descobriu poder prescindir sumariamente da existência de águias, rios, nuvens, sanduíches em Londres, de fogo, de facto do mundo inteiro. Mas a única coisa de que Descartes não podia duvidar era ele estar a duvidar. Chegou assim à conclusão de que a dúvida era evidência da mente e que a mente estava fundamentalmente separada do mundo material. De um material mais fino, menos discernível – pode dizer-se. Deste modo, dividiu formalmente o mundo em formas que ainda ressoam no modo como conhecemos o universo – como um recurso, como uma ferramenta muda, ou pano de fundo para a actividade gloriosa, de primeiro plano, dos seres humanos. Essas ortodoxias cartesianas situam a mente a uma distância da matéria. O método científico baseia-se nesta suposição: para conhecer correctamente o que 'é' uma coisa, temos de nos afastar dela – em certo sentido, preservando a distância entre sujeito e objecto. Quase se podia ver isso como um gesto burguês de repulsa! 'Em última análise', os parâmetros cartesianos levaram-nos a localizar no cérebro o pensamento, o sentimento, a acção e todos os eventos psicológicos misteriosos que nos são próximos. E assim, com amplas pinceladas, Descartes pintou o retrato de um mundo onde o encantamento é sempre escasso. Somos dotados de alma num mundo que não tem alma até ser tocado pela nossa presença fálica. A alma é algo encolhido, bloqueado no finito... ausente. A demarcação engrossa e são activadas as dinâmicas de evasão desejada.

Hoje, os diversos sistemas de ser e instituições são codificados com estes imperativos cartesianos. Quando passamos por cima de uma árvore e expandimos o regime de alcatrão e asfalto, quando falamos sobre a mudança climática como se fosse simplesmente uma questão de continuidade humana, ou quando insistimos que os oceanos e sua inefável riqueza de vida custam realmente biliões de dólares, estamos a apresentar um ângulo morto – uma negação do significado e acção do mundo supostamente 'à nossa volta'. Felizmente, as coordenadas cartesianas são conhecidas como influências disruptivas e perturbadoras que impugnam este modo de ser. São contadas histórias 'novas' que nos fazem ruborizar. E se o mundo estiver vivo? E se houver encantamento, mente, beleza e acção mesmo nas coisas que sentimos mortas e meramente instrumentais? *Penso, logo existo!* – que rude! Um galanteio perverso entre matéria e mente está a caminho. E a imanência estranha do sagrado no ordinário continua a sua cruzada profana.

Numa época em que o mundo científico estava envolvido em questões sobre a essência da natureza – e especificamente a natureza da luz, se era uma onda (mostrando padrões de interferência) ou uma partícula (localizada em pequenos pedaços) – um médico nascido em Londres no século XVIII, Thomas Young, surgiu com um experiência projectada para resolver a questão de uma vez por todas. Projectou um aparelho que mostrou que a luz se comportava como uma onda, dispersa em toda a parte – uma visão que ia contra a convicção centenária de Isaac Newton de que a luz era de partículas.

Muitos anos depois de Young, Niels Bohr, um físico dinamarquês, pai da teoria quântica e contemporâneo de Einstein, insistiu em que a luz não era inerentemente uma onda; ou uma partícula. Era ambas e nenhuma. Einstein,

seu feroz rival, considerou estas afirmações como um disparate, insistindo em que as implicações do pensamento de Bohr conduziām a que nada existia como um dado – ou que as coisas não vêm já feitas. Einstein queria acreditar que o mundo tinha leis materiais ordenadas, elegantes, mensuráveis, que governavam o modo como as coisas se relacionavam umas com as outras – mas aqui estava Bohr a dizer basicamente que as coisas em si não obtêm o ‘facto de serem coisas’ a partir de algo interior. E que a propriedade de uma coisa, a identidade de uma coisa, a sua ontologia, o que faz ser um humano, ou uma chávena de chá, ou uma sanduiche, depende de como ele é medido. Bohr estava a destacar o facto de o mundo ser feito de relações, não de coisas. É no contexto das relações que as coisas se produzem.

Se o mundo é uma relação contínua, se não existem coisas em si mesmas, se não há fronteiras sólidas que não sejam já um congelamento fluido num fluxo de transformações mais-que-humanas, e se conseguimos eliminar a ambiguidade apenas dentro do contexto desse fluxo, então temos de repensar tudo – mesmo o pensar. Pelo menos há algo interessante a acontecer que deve justificar um segundo olhar sobre as ideias acerca do mundo – sobre os nossos enganadores dados ocultos de conhecimento. Estamos aqui a falar de derrames! Derramamentos supremos e vazamentos que não podem ser evitados.

Karen Barad, uma física teórica e feminista – cujo trabalho enriqueceu grandemente o meu trabalho com o mundo – formulou o conceito de intra-acção (em oposição à ‘interacção’) para descrever como as coisas se estão a fundir constantemente umas nas outras e como existem originais. Donna Haraway fala de ecologias infecciosas, sugerindo que o mundo surge por se unir no mesmo lugar – uma simbiose, um movimento conjunto. John Shotter, ‘refletindo’ nessas mudanças dramáticas, explica que tudo isso "significa que não ‘coisas’ existem para nós como ‘coisas-em-si-próprias’ fixas e permanentes, separadas da sua envolvimento. Todas as ‘coisas’ existem como ‘feitos’, como decretos organizacionais, como objectos focais, participadas a partir do interior de um processo fluido, ilimitado, em desenvolvimento permanente, mais abrangente. Assim, como seres dentro de (e de) um mundo que está sempre em processo de se tornar diferente do que era antes, devemos aprender a pensar ‘enquanto em movimento’, por assim dizer, e tratar os ‘pensamentos’ como resultados temporários no seio de um processo de transformação contínuo e silencioso."

Tudo isto aponta para o facto de as "coisas que denominamos por ‘pensamentos’ serem melhor imaginadas como processos intra-activos a ocorrer no mundo em geral. O pensamento não está localizado nos cérebros humanos. Nós não somos especiais. As orcas são conhecidas por realizarem experiências sobre as pessoas que pensavam que estavam a conduzir as experiências únicas. Mas não são apenas cães, cetáceos e animais que são grandes-como-nós, pois não podemos afirmar com certeza que vivemos no mundo descrito por Descartes – o mundo de seres isolados e de outros empobrecidos. Estamos a testemunhar derramamentos através das fronteiras e estão-se a desmoronar os binários fálicos entre humanos e não-humanos, macho e fêmea, isto e aquilo, aqui e acolá.

A mente torna-se matéria, e a matéria não mais se parece com a qualidade reducionista e prensada que pensávamos ter compreendido por completo. É neste espaço que muitos estão a falar de ‘intra-pensamento’ ou a ideia da mente ser transcorpórea, perturbando fronteiras entre o dentro e o fora, casti-

gando as tentativas de nos integrarmos rapidamente fora do 'meio envolvente'. A proposta de 'termos' almas – almas que são responsáveis por todo o comportamento – é sumariamente afectada quando seguimos cuidadosamente os processos de transição que existem entre 'mente' e 'matéria'. Gosto de dizer que a alma não está mais dentro ou fora – apenas 'com'. É nos espaços entre, no relacionamento, nas selvas para além e dentro de nossas cercas que prospera a alma – e em certo sentido, ainda não encontramos a alma.

As nossas deambulações diárias do mundo, aquelas coisas que parecem ser conhecidas – mesmo sem podermos apoiá-las de formas que satisfaçam o público – são tão importantes como os conhecimentos que parecem estar intelectualmente fundamentados. Mas perpetuo um binário falso ao falar desta maneira. A gramática falha-me aqui. Intelecto e intuição não são dois lados de uma moeda. Eles não estão separados e seus significados ainda estão em questão. Ambos são processos de construção mundial. Se adotarmos as perspectivas convencionais e considerarmos a intuição como redes neurais pré-conscientes moldadas pela prática e comportamento, então isto significa que o intelecto – ou o processo racional mais consciente envolvido nas práticas cognitivas – faz parte dessa configuração. Ambos são co-constitutivos, da mesma forma que o oceano constitui a costa e o litoral caracteriza o oceano. O que aconteceria se começássemos a confiar nos nossos corpos, nos nossos sentimentos – como o mundo está a fazer?

Concluindo, essa redescrição pós-humana feminista do mundo coincide com o que meu povo da Nigéria parece saber – que o mundo está vivo e podemos aprender a escutar. Que a matéria significa, inicia, conduz experiências, anseia, espera, escuta, faz maravilhas, perturba e cria. De repente, o mundo anorético de quatro coordenadas – para frente, para trás, para cima, para baixo – é interrompido (ou devo dizer 'intra-interrompido'?) por novas direccionalidades perversas: estranho.

Fazemos parte de um mundo que é suturado por completo com vitalidade – um mundo que não foi terminado nas histórias míticas que contamos da sua génese. Um mundo ainda a apresentar-se, ainda a desfazer os seus próprios parâmetros, ainda a desenvolver os seus significados. Um mundo que está sempre em questão.

Talvez, como Jacob – aquele velho trapaceiro de afeições judaico-cristãs – que dormia no exílio, colocando a cabeça cansada e perturbada sobre uma rocha, amaldiçoando os seus modos agitados e o facto de estar mais uma vez a fugir de um irmão que queria a sua cabeça, podemos despertar do sonho das clivagens cartesianas, examinar 'melhor' o mundo que nos esforçamos constantemente por deixar para trás e, como ele fez, exclamar "Deus estava aqui, o sagrado esteve aqui o tempo todo, aqui mesmo... e eu não sabia."

*Bayo Akomolafe é um autor e orador de renome mundial, reconhecido “pelo assumir da crise global, da acção cívica e da mudança social de forma poética, não convencional, contra-intuitiva e autóctone”. É Director Executivo de The Emergence Network (A Rede de Emergência)*





## A Palavra-chave na Democracia é Relacionamento

Mark Gerzon

**DURANTE A MINHA VIDA** houve uma elevação extraordinária da consciência humana, uma espécie de sabedoria emergente. Podem vê-lo no poder crescente dos seres humanos para trabalhar através do conflito e encontrar uma base comum e em aspectos como a compreensão da inteligência emocional. Podem vê-lo no crescimento profundo e poderoso da plenitude mental e da consciência da dimensão espiritual da vida. Imagens do mundo, obtidas a partir do espaço exterior, apareceram pela primeira vez durante a minha vida; e milhões de pessoas consciencializaram-se da interdependência e do facto de a Terra ser um sistema vivo.

No entanto, no presente, é realmente impressionante o contraste entre esta sabedoria emergente e a natureza extremamente partidária dos tempos. Parece haver um declínio acentuado no discurso público e na capacidade de a democracia promover o diálogo. A grande filósofa e jornalista Hannah Arendt diz que a democracia precisa de um lugar para se situar, e a democracia parece ter perdido esse lugar.

Nos meus anos 30 e 40, com financiamento da Fundação Rockefeller, comecei a reunir grupos liberais e conservadores em empreendimentos comuns. Isso foi tão bem-sucedido, que fui contratado por uma comissão do Congresso dos EUA para projectar e facilitar retiros. Os participantes, que não poderiam ter sido mais diversos, concordaram todos em que os relacionamentos entre membros do congresso estavam a ficar muito pobres e precisavam de ser ressuscitados. Apresentaram inúmeras propostas. Quando voltaram ao Congresso, os líderes partidários certificaram-se de que nenhuma das propostas fosse posta em prática. Alguma coisa que saísse do retiro diminuiria o poder dos líderes partidários.

Daí percebi que faltava liderança colaborativa na vida política do país. Surpreendi-me com o facto de estar a acontecer nos EUA o correspondente à luz vermelha que surge no carro a indicar falta de óleo. Se não tivesse colocado óleo após a luz ter acendido, não ficaria surpreso quando o carro deixasse de funcionar. Isso é o que aconteceu no nosso país (e noutras partes do mundo). Não reagimos aos avisos luminosos. Negligenciámos o acrescentar óleo; não conseguimos promover liderança colaborativa na política. No nosso país, negligenciámos o fomentar do reconhecimento de sermos todos interdependentes e interligados.

Assim, com esse reconhecimento, voltei à mesa de desenho e à mente de principiante. Fiquei impressionado com uma verdade fundamental sobre o meu corpo. Quando entro numa sala caminho com o pé esquerdo e com o pé direito. Se avanço com o pé esquerdo apoio-me no pé direito e vice-versa. Os meus pés sabem que o esquerdo e o direito fazem parte do todo. O mesmo acontece com meus olhos. Quando olho para vós, olho com dois olhos. Quando fazemos coisas, usamos duas mãos. As nossas mãos, esquerda e direita não lutam, colaboram para apertar um sapato, para fazer o jantar ou segurar um bebé.

Assim, ao nível do corpo, é claro que somos seres transpartidários. O problema é as mentes estarem inerentemente polarizadas. As estatísticas mostram que a maioria das atitudes políticas das pessoas são uma combinação de vermelho e azul, mas temos de fingir que somos um ou outro. Quando vemos uma mulher grávida, não nos preocupamos só com a mãe e não com

o bebé, ou só com o bebé e não com a mãe. Pensamos imediatamente que é uma bela visão. A vida está a concretizar-se, e é linda. Pensamos nisso como um todo. Mas, logo que isso se torna político, pensamos em termos de vermelho ou azul: o direito de uma mulher escolher ou o direito de uma criança viver. Estas são as escolhas partidárias que nos são dadas, mesmo quando tendemos a incluir perspectivas, tanto conservadoras como liberais, na maneira como realmente pensamos sobre as questões.

Para entender isso quero mergulhar um pouco na estrutura da consciência humana, pois ela afecta a cidadania. E para o fazer quero usar a linguagem de software informático. Quando a Microsoft lança o Windows 12 e tenho o Windows 10, não penso: "tenho o 10 e, portanto, não estou a receber o 12". Em vez disso, pergunto-me se a Versão 12 é melhor do que a que tenho. Posso não a ter, mas estou curioso. É neste espírito desprovido de juízo que quero explorar diferentes iterações de cidadania.

**Cidadão 1.0**, Visão de mundo baseada em si mesmo. O interesse pessoal é uma coisa muito honrosa. É o que nos impele a conseguir um bom emprego, a ter um tecto sobre a cabeça, e a obter uma parte justa do que é suposto ter-se. Se não aplicarmos algo desta abordagem baseada no ego, não comemos e não sobrevivemos.

**Cidadão 2.0**, Visão de mundo baseada no seu grupo. Nelson Mandela descreveu que, quando era criança, *só queria brincar na floresta, ser feliz e brincar com os meus amigos*. Quando cresceu, começou a preocupar-se com os sul-africanos negros. *Eu queria que os sul-africanos negros tivessem uma participação melhor no nosso país*. Ele identificou-se com o seu grupo e estamos todos contentes por ele o ter feito. Agora temos um mundo inteiro de pessoas que estão a cuidar de si mesmas: xiitas e sunitas, cristãos e britânicos que querem estar separados da UE – todos a procurar saber quem somos 'nós'. Este é um passo em frente da visão egocêntrica do mundo e é uma maneira honrosa de ser um cidadão.

**Cidadão 3.0**, Visão de mundo baseada na nação de alguém. Chegamos ao lugar onde dizemos: sou um americano, ou sou um queniano, ou um francês ou um cidadão do Reino Unido. Isso significa que nos estamos a identificar com algo maior do que o nosso grupo e este é um passo em frente na consciência. É realmente um grande passo, porque há muitos americanos (por exemplo) que pensam amar a América mas, na verdade, estão a odiar outros americanos e a chamar-lhes nomes horríveis. Portanto, Cidadão 3.0 significa estar disposto a identificar-se com algo maior do que o seu grupo. Pode até mesmo ser pensado como a identificação com a alma de uma nação. Mas Cidadão 3.0 também pode ser antagónico a outras nações. Há uma espécie de americanismo que só quer prestar atenção ao nós e não se preocupa com o Japão ou a África. Os acordos comerciais são apenas abordados em termos de "conseguir o melhor negócio para nós".

**Cidadão 4.0**, Visão de mundo baseado em múltiplas culturas. Um número crescente de pessoas está agora a passar o tempo em países diferentes do seu país de nascimento, aprendendo uma língua estrangeira ou apaixonando-se por alguém de outro país. Como resultado, um número cada vez maior de pessoas é capaz de se identificar com mais do que um país. Após Mandela ter percebido que se importava com o seu grupo, os negros sul-africanos, percebeu que os negros não iam ser livres a menos que os sul-africanos brancos também se libertassem do apartheid. Ele evoluiu para se preocupar com todo o seu país. E, na prisão, começou a ver que não haveria

mudança a menos que outros países deixassem de apoiar o apartheid. Chegou por fim ao ponto de se identificar com a luta pela liberdade em todo o mundo, incluindo a liberdade de todos os seres vivos.

É fácil descrever um modelo de quatro níveis. Mas a própria jornada é bastante desafiadora. Acredito que todos estes níveis coexistem em todos nós, o tempo todo. Somos uma confluência dinâmica de todos esses níveis de consciência dentro de nós mesmos. A chave é estar consciente disto; isso cria um certo grau de compaixão. Em última análise, sinto que ser um cidadão global é ser alguém que defende uma ecologia de visões mundiais, reconhecendo que sua visão mundial não é a única. Isso requer uma sabedoria e humildade para manter todos esses níveis de cidadania no coração, e uma vontade de avançar para além das fronteiras que dividem a espécie humana. É aqui que entra a intuição. Se somos um todo e possuímos um sentido inato incorporado da nossa própria totalidade e do todo da criação, seremos mais capazes de ter um mundo pacífico, justo e sustentável. Isso requer uma capacidade de mergulhar na verdade mais profunda de quem somos neste momento, gratos por ser alguém que mantém juntos a esquerda, a direita e o centro no seu próprio ser. Se nos recusarmos a abandonar esse sentido interior de poder e verdade, poderemos olhar para tudo o que acontece em torno de nós a partir desse lugar enraizado de totalidade e unicidade.

A palavra-chave na democracia é o relacionamento. Se me recusar a transformar em meu inimigo alguém que tem uma opinião diferente, e se estiver envolvido no relacionamento com essa pessoa, serei capaz de me empenhar numa posição adversária respeitosa. Tomemos como exemplo perspectivas diferentes de acordos comerciais. As discussões precisam de ser contraditórias para que, através da aprendizagem e do relacionamento, possamos aprofundar realmente a nossa sabedoria – por causa de nossas diferenças de opinião. Tenho experimentado isso em todos os níveis da minha vida, então por que não podemos experimentar isso como uma nação? Acredito que podemos manter-nos na defesa do adversário enquanto nos dedicamos a este sentido interior de totalidade.

Precisamos de ver quem tem pontos de vista diferentes dos nossos como complementos contraditórios. Se disser ‘vamos gastar dinheiro para resolver este problema’, preciso de um complemento contraditório que vai dizer ‘estamos em dívida – não há dinheiro’. E se tiver a atitude de estarmos em dívida e, portanto, não poderemos gastar dinheiro com crianças que estão com fome, preciso de um complemento que dirá: ‘mas somos uma nação decente e compassiva e podemos cuidar uns dos outros’. Isto é o que quero dizer com a necessidade de valorizar complementos contraditórios, reconhecendo que isso faz parte da visão do todo. Penso ser o desafio que enfrentamos, sendo o que está a faltar hoje na nossa cultura.

Durante a minha própria jornada, caminhei desde o Vermelho quando jovem, passei ao Azul na Universidade, pela argumentação e advocacia, até à mediação e trabalho com o Congresso dos EUA. Essa foi a jornada da Alma. Creio que as almas das nações também estão numa jornada. E acredito que há uma conexão profunda entre a minha alma ou a sua alma e a alma da nação. O maior dom de lealdade e fidelidade à América, meu país, é proporcionar a plenitude da minha alma a este país. Pois a jornada da alma está muito ligada à alma da nação e à alma da humanidade.

Finalmente, quero recordar o desafio de Einstein: os problemas não podem ser resolvidos no mesmo nível de consciência que os criou. Isto relaciona-se

com a dimensão da alma. Você não pode resolver problemas no nível do intelecto que criou os problemas. Você tem de mergulhar no que alguns chamariam o coração, outros chamariam de intuição e outros poderiam chamar de totalidade. Mas seja o que for que lhe chamemos, temos de avançar para um nível mais elevado de consciência para responder aos desafios que enfrentamos.

*Mark Gerzon, Fundador e Presidente da Fundação Mediadores, tem promovido Competências de Liderança Colaborativa na ONU, no Congresso dos EUA e em todo o mundo. É autor de inúmeros livros sobre cidadania global – o seu último título é: Os Estados Reunidos da América: Como podemos reduzir a divisão partidária. Mark concluiu a sua palestra com um conjunto de 3 passos concretos de acção que as pessoas nos EUA podem dar para ajudar a construir uma cultura política não-partidária.*



## Pensando sobre o Pensar, Música e Intuição

John Dalton

**‘DO INTELECTO À INTUIÇÃO’** é um tema fascinante que nos leva a pensar sobre o pensamento. Vivemos numa época em que cientistas, que gastam fortunas à procura de partículas cada vez menores, examinam computadores e instrumentos, pensando presumivelmente que os seus próprios processos de pensamento são, de alguma forma, menos reais. Alguns professores e gurus da Nova Era até nos dizem, ‘Pensar é o problema’, e falam da ‘mente macaco’ que interfere no caminho da ‘percepção verdadeira’.

Muitos dizem hoje que pensar é algo que acontece na intimidade de nossas cabeças. Alan Watts, filósofo e escritor sobre o Zen, diz: ‘A mente cultiva pensamentos assim como o campo cultiva erva’. Poderá de facto o corpo humano produzir pensamentos?

Há uma outra maneira de olhar para isto. Pode o mundo, do qual fazemos parte, não produzir pensamento dentro de nós como faz com as cores e os aromas das flores, os sons da Natureza, os sabores da fruta e as maravilhas criativas que vemos à nossa volta? Pode o pensamento ser subjectivo quando podemos realmente pensar, sobre nós mesmos, tão objectivamente como noutra coisa qualquer? A ciência pode hoje detectar mudanças que ocorrem no cérebro, pensando alguns que estas são as causas do pensamento. Contudo, seirmos pegadas na areia, presumimos que foram causadas por forças na areia?

Quando olhamos para o mundo e seus inúmeros fenómenos, esse panorama de imagens e sons, texturas e cores, seria completamente confuso se não fôssemos capazes de pensar nisso e distinguir o que estamos a ver, ouvir e tocar. Pensar é realmente uma forma de ver, sendo o sentido através do qual vemos algo acima e invisível ao que é dado aos sentidos físicos. Pensar é realmente uma forma de clarividência e a riqueza da vida interior depende do quanto aprendemos a desenvolver e focalizar o pensamento/percepção espiritual. A curiosidade que sentimos (às vezes ou muitas vezes dependendo do nosso carácter) é na verdade o aspecto invisível e conceptual do que estamos a perceber exteriormente, crescendo dentro de nós. Aqui podemos distinguir entre o Intelecto, a capacidade de separar, distinguir e ordenar as coisas que percebemos, e o poder da Razão através do qual podemos



reunir num todo os conceitos separados pelo intelecto. Ambos são necessários. O primeiro exige a capacidade de diferenciar e separar fenómenos, sendo o último a capacidade de ver o que lá esteve sempre: a unidade.

A capacidade de ver/pensar o conteúdo de algo é Intuição. Todos os objectos contêm pensamentos nas suas formas e podemos aprender a lê-los. Se tudo revelasse imediatamente a sua natureza interior aos sentidos físicos, não haveria necessidade de pensar de modo algum (nem haveria necessidade das ciências), mas não é este o caso; a mente, em vez de ser uma espécie de super-computador, é um órgão de percepção. E podemos ver que, fundamentalmente, existem dois tipos de pensamento: aquele que está de acordo com a realidade e aquele que não está – este último sendo ficções de todos os tipos. Ambos têm o seu lugar. O importante é ser capaz de distingui-los através da Intuição, e também distinguir a diferença entre pensamentos vivos e voluntários e pensamentos passivos que derivam apenas de palavras; palavras que podem ser muito lógicas, mas que têm muito pouco a ver com a realidade.

Quando pudermos ver que pensar não é apenas um produto dos nossos cérebros, mas um aspecto vivo de realidade que vem à consciência no nosso interior, tornamo-nos cada vez mais abertos à Intuição, à percepção do conteúdo espiritual à nossa volta. E o amor é uma grande ajuda para ver mais profundamente – através de e não com os olhos, como disse Blake.

Como está a intuição ligada à liberdade? Bem, quando uma pessoa age por instinto, ela não é livre, nem quando é levada por sentimentos – lealdade, dever, orgulho, etc. – nem sequer quando é guiada por lições aprendidas de experiências anteriores, ou por princípios morais recebidos de autoridades exteriores, ou estudados e compreendidos. Todos eles podem desempenhar um papel, como na maioria das vezes, mas podemos agir livremente quando pudermos agir a partir da intuição, vendo através de um amor da acção o que está certo na situação (que pode ou não coincidir com qualquer uma das situações acima mencionadas). 'Nada é mais raro em qualquer homem do que um seu próprio acto', disse Ralph Waldo Emerson.

A maioria das pessoas age necessariamente pelas razões acima descritas, desde noções de bem-estar pessoal ou padrões morais, ou, hoje, ideias de 'PC'. Quando alguém quebra o código PC, milhares de pessoas protestarão como autómatos. Grande parte da Nova Era é como uma vinculação à regra, os seus seguidores estão uniformizados, como em qualquer sociedade controlada do passado. Além de tudo isso, todos temos a possibilidade de agir livremente quando seguimos o nosso amor pelo objectivo, a nossa intuição moral. Poderemos certamente conceber ser livres se nos permitimos agir a partir de uma decisão completamente original e intuitiva. Isto relaciona-se muito com a criação artística.

As artes envolvem jogo criativo de todos os tipos e, para além dos reinos de arte do entretenimento e da propaganda, há a tentativa de revelar verdades mais profundas. Isto é o que as ciências fazem, mas com conceitos, ideias e explicações, enquanto o artista revela verdades através de obras de arte que podem falar com o espectador ou ouvinte num nível intuitivo. A música é um bom exemplo por ser uma forma de arte que pode falar com todos, crianças, adultos, pessoas de culturas diferentes, até com bebés dentro do útero.

Podemos distinguir três tipos quando pensamos no que ouvimos no mundo. Em primeiro lugar, há sons, que podem ser produzidos por toda a substância material, e que nos dizem algo sobre o material, da sua densidade, suavidade



ou fragilidade e assim por diante. Quando ouvimos esses sons, somos transportados para fora de nós mesmos e para dentro da natureza interior da substância.

Em segundo lugar, há a declaração: as vozes de outras pessoas, os sons de animais, pássaros e seres vivos. Quando ouvimos vozes, mesmo sem podermos compreender as palavras, podemos sentir algo da natureza da alma, dos sentimentos do outro, sendo novamente transportados de nós mesmos para o ser do outro.

Em terceiro lugar há a tonalidade musical. Quando ouvimos tonalidades e linhas musicais, elas falam para algo dentro de nós, surgindo dentro de nós do mesmo modo que a intuição, o conteúdo espiritual de algo, pode surgir dentro das nossas mentes. Quando ouvimos música, sabemos intuitivamente que ela não foi produzida pelas forças da Natureza ou por animais. Não, enquanto o mundo material pode produzir sons, e seres animados têm vozes de todos os tipos, são os seres espirituais que podem produzir e amar a música. (Os músicos da Natureza são realmente os pássaros, aquelas criaturas que adoram levantar voo da Terra.)

A música, contendo tonalidades, sons e por vezes vozes, pode falar-nos espiritualmente, de dentro de nós mesmos, e também para os nossos corpos e almas. Nisto reside o segredo da musicoterapia. Nos três domínios da música (melodia, harmonia e ritmo) podemos ver intuitivamente as ligações, respectivamente, com os mundos espiritual, da alma e material, e com nossas próprias forças de pensamento – uma melodia é como uma linha de pensamento – sentimento e vontade. Isto tem também a sua correspondência nos três tipos de instrumentos musicais: instrumentos de cordas, sopro e percussão. Quando ouvimos música, podemos sentir intuitivamente que não ouvimos apenas através dos ouvidos, embora geralmente lhes seja dado o crédito. Não, ‘ouvimos’ ou ‘sentimos’ os diferentes instrumentos e tonalidades por todo o lado e dentro de nós mesmos: alguns nos ossos, alguns na pele, alguns na respiração e batimentos cardíacos, alguns nos membros inferiores, alguns acima de nós; todo o nosso ser pode ficar cheio de formas musicais. Perdemos a música quando intelectualizamos, a música desaparece. Quando a ouvimos com atenção plena, ela pode falar-nos nos níveis mais profundos, podendo ter a intuição expressa por Mozart: ‘A música – disse – não são as notas, mas os silêncios entre elas’.

John Dalton é um harpista premiado que fala regularmente sobre o mistério da música, acompanhando suas palestras com harpa. É um ex-gerente da Rudolf Steiner Press no Reino Unido, fundador da New View Magazine e ex-editor da Avalon Magazine.